

Arte e Erotismo na Contracultura Psicodélica dos Anos 1960/70 pelo viés dos Quadrinhos

Art and Eroticism in Psychedelic Counterculture from the 1960s/70s through the Comics¹

José Eliézer MIKOSZ

Artista transmídia, professor e pesquisador do Centro de Humanidades (CHAM) da Universidade NOVA de Lisboa no subgrupo Arte, História e Patrimônio e do Centro de Investigação em Belas Artes da Universidade de Lisboa (CIEBA-FBAUL). Doutorado pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC). Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e Editor da Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais Art&Sensorium.

E-mail: antarm@gmail.com

RESUMO:

A contracultura psicodélica iniciada por volta de 1964, com sua revolução sexual inspirada no mote Paz e Amor, pregava o amor livre e uma moral natural mais pessoal. Ela trouxe questionamentos diversos, a realização de uma diversidade sexual, levantou questões de gênero, políticas e raciais que repercutem até hoje. Muitos artistas sensíveis a essas questões, buscaram representar o erotismo e a mentalidade da época de forma provocadora. Muitos foram perseguidos por um sistema conservador que buscou abafar e invalidar o movimento de muitas maneiras. Esse artigo pretende mostrar sucintamente alguns artistas psicodélico/visionários e alguns de seus trabalhos no período pelo viés dos quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: contracultura, erotismo, psicodélico, história em quadrinhos, arte visionária.

ABSTRACT:

The psychedelic counterculture that began around 1964, with its sexual revolution inspired by the motto Peace and Love, preached free love and a more personal natural morality. It brought about diverse questions, the

¹ Este trabalho tem trechos integrais da pesquisa de pós-doutoramento realizada na Universidade Nova de Lisboa entre 2022 e 2023.

realization of sexual diversity, and raised gender, political and racial issues that still have repercussions today. Many artists, sensitive to these issues, sought to represent eroticism and the mentality of the time in a provocative way. Many were persecuted by a conservative system that sought to stifle and invalidate the movement in many ways. This article aims to briefly show some psychedelic/visionary artists and some of their work from the period through the lens of comics.

KEYWORDS: counterculture, eroticism, psychedelic, comics, visionary arts.

INTRODUÇÃO

As transformações que a Contracultura inspirou ainda respiram na contemporaneidade seja na política, nas questões raciais e de gênero, na economia, na sociedade de consumo, na música, nas artes visuais, no amor e na sexualidade, no desenvolvimento da consciência, nas buscas por uma espiritualidade natural e despida de dogmas, nas pesquisas sobre os *estados não ordinários de consciência* (ENOC) e no uso de psicoativos. Nenhum destes temas está resolvido ou fechado e são discutidos e estudados mundo afora. Deste modo podemos explorar as imagens de artistas importantes do período como, por exemplo, os membros da revista Zap que agregava artistas como Robert Crumb, Clay Wilson, Robert Williams (suas pinturas inspiraram o termo *lowbrow*), “Spain” Rodriguez, Gilbert Shelton, e artistas famosos por seus cartazes psicodélicos como Wes Wilson, Victor Moscoso, Rick Griffin entre outros. Longe de ser uma revolução localizada apenas nos Estados Unidos, ela influenciou de modo impactante muitos países que adotaram suas ideias e atitudes, algumas levadas com seriedade, outras como estereótipos divertidos. Apesar de que o Brasil estava fora da fonte desses movimentos, sofreu a influência da América e da Europa na música, no visual adotado pela juventude na época, além das ideias. Com uma repressão intensa pela ditadura militar, natural que a influência no Brasil tenha sido mais tímida, porém se fez presente.

Comix – Histórias em Quadrinhos

Uma das formas populares de comunicação nos anos 1960 foram as histórias em quadrinhos presentes em revistas de baixo custo que traziam conteúdos adultos e polêmicos, cheios de humor ácido e provocativo. Foi uma das formas encontradas de ativismo, de ir contra o moralismo, de expor ideias de modo político e, por isso, sofreram também perseguições pelo *establishment*. Adiante, pensando em dar um recorte representativo na pesquisa, debruçaremos sobre um veículo que aproximou artistas icônicos do período em torno da revista *ZAP Comix* e da criação do *Underground Comix*.

Robert Crumb e amigos

Muitos artistas de talento se dedicaram às ilustrações, pinturas, aos cartazes de shows como visto acima, porém, as histórias em quadrinhos tiveram um papel importante em suas provocações, tentativas de burlar a

censura, mudar a consciência para algo que hoje se discute mais abertamente como o direito de expressão de ideias e sentimentos, dessa imensa diversidade, sem que sejam automaticamente rotuladas de doentias, como foram ao longo do tempo, e que são produto de reflexão atual quanto às suas motivações, devem ser respeitadas e compreendidas mais do que condenadas. Para quem possa sentir que algumas imagens, histórias, são ofensivas, servem para nada, que as evite.

Para o propósito deste trabalho, Robert Crumb exemplifica de maneira muito clara o período. Crumb, nascido em 1943, é uma figura incontornável do *zeitgeist* psicodélico. As histórias em quadrinhos dele são totalmente ambientadas na Contracultura americana dos anos 1960. Crumb testemunhou e retratou a época de modo irônico, satírico, arrojado, ridicularizando e expondo suas ideias e experiências sexuais e psicodélicas de modo como poucos artistas poderiam atualmente fazer.

Vivemos uma crescente repressão e censura, o contrário do que se imaginava que aconteceria pelas lições anteriores como nos anos 1960. Porém, a livre expressão dentro do que poderíamos classificar como “incorreto” ou “ofensivo”, vem mudando a visão hegemônica de uma sociedade ainda insegura e preconceituosa. Crumb teve inevitáveis problemas com a censura da época. Diversos donos e funcionários de *comic shops* foram detidos por venderem as revistas de Crumb, consideradas obscenas. O processo mais famoso, aconteceu em 1969, em Nova Iorque, onde dois livreiros foram condenados por venderem a revista Zap do Crumb. O próprio Crumb foi perseguido e, uma das ações mais contundentes foi quando a Receita fez com que ele enfrentasse uma dívida enorme. Após ter vendido suas coleções e conseguido o montante para o pagamento, a Receita criou outras taxas numa clara perseguição ao artista:

[...] O problema com a Receita o abalou muito, mas não derrubou seu senso de humor e seu ímpeto provocador. Ele seguiu pelos anos 1970 e 1980 colaborando com diversas publicações ecologistas radicais, fez cartazes para as campanhas das prostitutas da Califórnia contra a violência policial e ilustrou um livro do anarquista Edward Abbey (um dos pais da guerrilha ambientalista). (CAMPOS, 2015, pp.12-13)

Crumb produziu a revista Zap Comix em um grande esforço criativo em 1967. A Zap Comix se tornou inspiração para dezenas de revistas *underground* similares nos Estados Unidos. Os artistas destas revistas acabaram por criar o *Underground comix* que foi um movimento artístico norte-americano da época, como reação à censura promovida pela *Comics Code Authority*, a qual fornecia um selo de admissibilidade apenas para as histórias em quadrinhos com temáticas próprias para crianças. O *Underground comix* defendia a produção de trabalhos voltados para adultos com temas como violência e erotismo.²

Desenhistas famosos participaram da Zap como Vitor Moscoso, Robert Williams (que inspirou o termo *lowbrow*), Clay Wilson entre outros. Seus personagens descrevem e ridicularizam os *beatniks* e os hippies por seu estilo, busca espiritual, sexualidade, moral natural, a fé quase ingênua e os excessos na busca da paz e do amor.

² Informações do site Comics Alliance: <https://comicsalliance.com/history-comics-code-authority/> (tradução livre)

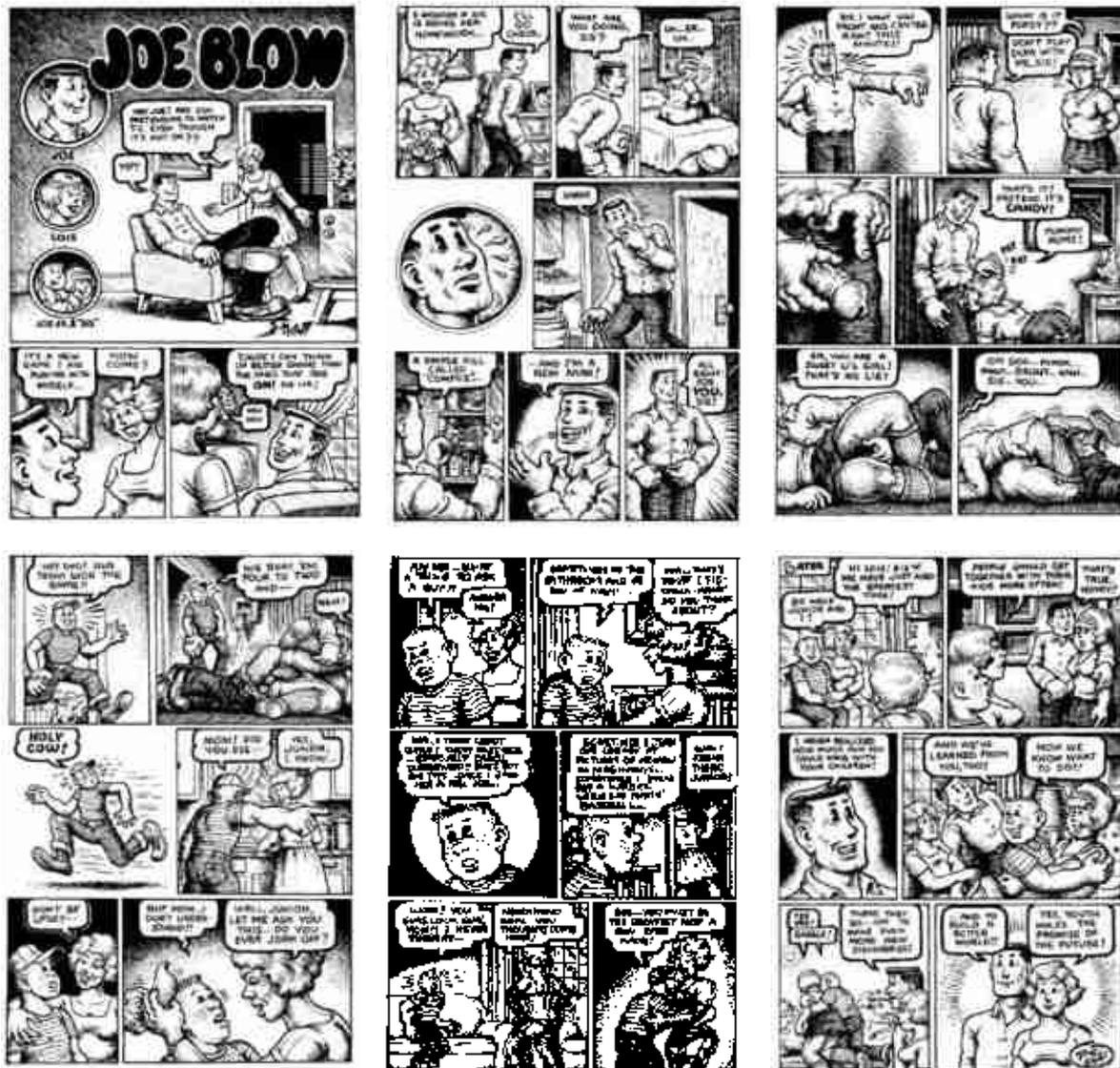
Crumb, em particular, mexeu com questões altamente controversas feministas e racistas nas abordagens dadas aos personagens de suas histórias como, por exemplo, a *Angelfood McSpade* (KIPNIS, 2011). Ao retratar de modo explícito suas ideias e caricaturas sofreu muitas críticas, porém, defendeu seu direito de expressão livre, mesmo que isso pudesse ofender alguém ou algum grupo.

Figura 18: ZAP Comix #2 – *Angelfood McSpade*. 1968. (Artnet, s.d.)



Outro exemplo controverso foi o personagem *Joe Blow* com sua esposa Lois e o casal de filhos Joe Jr. e Sis. Esta família se envolve em relações incestuosas de modo cômico (uma possível crítica à influência dos pais na educação dos filhos). Mais uma vez a questão da moral versus o humor. Dificilmente uma piada é totalmente inofensiva, geralmente ela deprecia, ofende, machuca, ou ridiculariza um dos personagens. Nem por isso é para ser levada a sério... na verdade, como cartunista, a missão de Crumb será fazer trabalhos engraçados, procurará fazer esse tipo de humor independentemente da raça, crença, gênero etc. Os desenhos de Crumb passam longe de ser uma tentativa realista de provocação erótica, estão mais para o bizarro e grotesco.

Figura 19: Robert Crumb. ZAP Comix #4, *Joe Blow*. 1969. (Comixjoint, s.d.)



Foram muitas polêmicas na sua carreira, outra importante foi em 1985, o caso da ambiciosa prefeita de São Francisco, Dianne Feinstein, segundo Campos (2015) ela:

[...] resolveu acabar com a pouca vergonha na cidade e fazer bonito para o arcebispo John R. Quinn e a população reacionária da Califórnia (ela queria ser governadora). Não participou da tradicional parada gay, vetou uma lei que estenderia benefícios financeiros da união estável para os homossexuais e ordenou que a polícia fosse dura com as casas de espetáculos eróticos e sex shops.

Já em fevereiro, a polícia prendeu a atriz Marilyn Chambers, do clássico pornô *Atrás da Porta Verde*, com a acusação de que ela estaria se prostituindo. A ausência de provas era tamanha que Chambers só ficou mais tempo detida porque todos os policiais da delegacia queriam tirar fotos com ela. O jornalista Warren Hinckle descreveu o fiasco e foi preso dias depois, acusado de passar com seu *basset bound* sem coleira.

Crumb participou ativamente da campanha contra a prefeita. Desenhou diversos cartazes criticando a violência contra Chambers, Hinckle e as prostitutas da cidade. Um dos cartazes foi

feito em parceria com Victor Moscoso (também da Zap Comix) e mostra Feinstein como princesa hipócrita que finge não ter relação com a violência policial. Esse cartaz ficou extremamente popular, tomou as ruas da cidade e virou um dos clássicos da iconografia política local.

Foi talvez a última batalha de Crumb em terras americanas. Em 1989, George H. W. Bush, veterano da CIA, tomou posse como novo presidente dos Estados Unidos. Crumb e sua mulher, Aline, chegaram à conclusão de que era hora de procurar um novo lugar para morar. Mudaram-se para a França.

Perseguições do gênero foram famosas, talvez a mais escancarada tenha sido a “Guerra às Drogas” encabeçada pelo presidente Norte Americano Richard Nixon que declarou em 18 de junho de 1971 que o abuso das drogas ilegais era “o inimigo público número um” (Plant & Singer, 2021). Porém são notáveis as questões ideológicas raciais envolvidas e que estão longe de serem bem-intencionadas:

Você quer saber qual foi o verdadeiro motivo dessa [guerra às drogas]? A campanha de Nixon em 1968, e a Casa Branca de Nixon depois disso, tinham dois inimigos: a esquerda antiguerra e os negros. Entende o que estou dizendo? [...] Sabíamos que não poderíamos tornar ilegal a oposição à guerra ou aos negros, mas, ao fazer com que o público associasse os hippies à maconha e os negros à heroína, e depois criminalizar fortemente ambos, poderíamos desestruturar essas comunidades. Poderíamos prender seus líderes, invadir suas casas, interromper suas reuniões e difamá-los noite após noite no noticiário noturno. [...] Sabíamos que estávamos mentindo sobre as drogas? Claro que sabíamos. (John Ehrlichman, Assistente da Presidência para Assuntos Internos do Presidente Richard Nixon) (Vera Institute of Justice, s.d.)

Figura 20: Cartaz do filme Behind the Green Door com Marilyn Chambers. (Wikipedia)

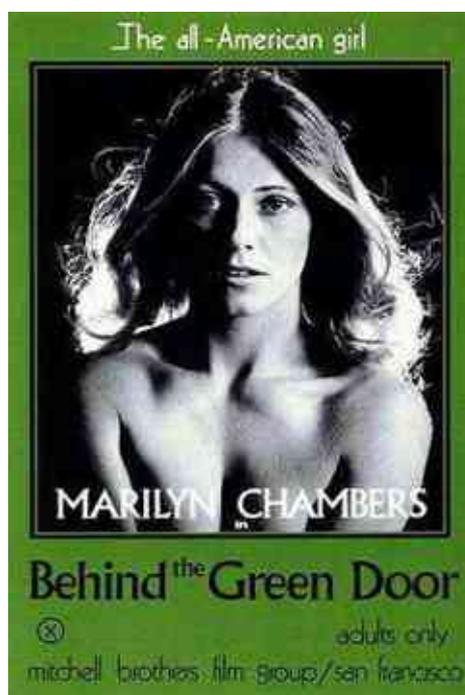
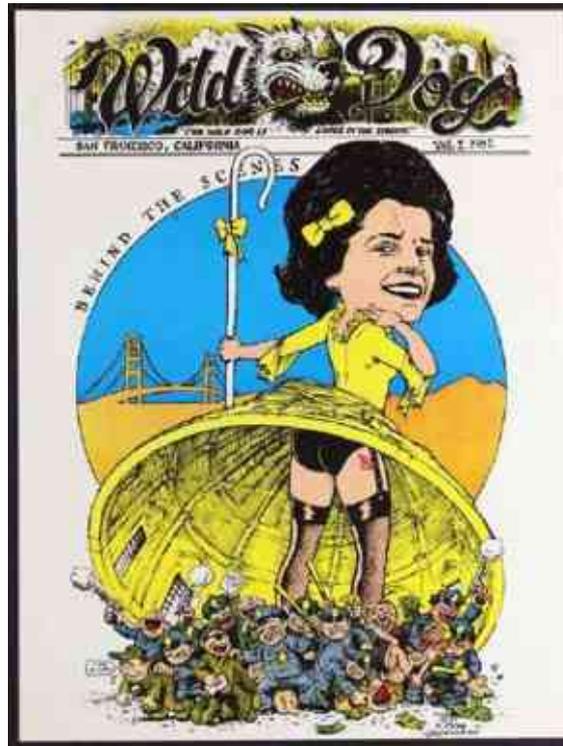


Figura 21: Crumb e Moscoso. *Wild Dog* - Dianne Feinstein nos bastidores Cartaz promocional de 1985 para o jornal *Wild Dog* de Dan O'Neill. (D. King Gallery, s.d.)



Crumb também fez incursões de humor provocativo, mas de modo simpático, aos movimentos feministas como nas histórias de sua personagem *Lenore Godberg* como ilustrado abaixo em recortes de uma de suas histórias presentes no livro “Viva a Revolução”.

Figura 22: Lenora Goldberg, personagem feminista ativista de Crumb. (Crumb, 2015)





Um dado curioso sobre Crumb foi seu envolvimento com a música de Janis Joplin. Crumb não escutava esse estilo de música, mesmo assim teve a inspiração para produzir essa famosa capa para o álbum. Mas ambos, Janis e Crumb amavam os blues de raiz, tradicionais. A arte selecionada para a capa havia sido pensada por ele como contracapa, mas o resultado foi uma das capas de álbum mais icônicas do final da década de 1960. A capa foi para o álbum *Cheap Thrills* de Janis Joplin e *Big Brother and the Holding Company*, que mudou a sua carreira.³

Figura 23: Capa do álbum Cheap Thrills. 1968. (The Music Aficionado, s.d.)

³ Informações do site Music Aficionado: <https://musicaficionado.blog/2020/01/28/cheap-thrills-an-album-cover-by-robert-crumb/> (livre tradução)



Figura 24: Janis Joplin por Crumb. 1968. (The Music Aficionado, s.d.)

Mr. Natural, outra criação provocadora e bastante polêmica em algumas histórias do Crumb, procura ridicularizar os movimentos espirituais emergentes na época com a presença cada vez maior de gurus importados da Índia. Os Beatles, por exemplo, em seus anseios místicos, através do interesse de George Harrison pela Meditação Transcendental em 1967, adotaram o guru Maharishi Mahesh Yogi (1918-2008). Os Beatles estiveram na academia de Maharishi em Rishikesh no Himalaia. A atriz Mia Farrow estava junto. Segundo relatos, o guru tentou seduzir Mia e era conhecido por manter relações sexuais com suas discípulas. A contradição é que vários gurus “acima das tentações carnis” tinham esse fraco por abusar de suas discípulas e isso era evidente para Crumb. No caso da relação dos Beatles com o Maharish, houve conflito entre eles, além do caso de Mia Farrow, o fato do guru ter descoberto e reprovado o uso de drogas leves que os integrantes da banda consumiram no período no Himalaia. George Harrison teve ali um de seus períodos mais criativos e que ficou registrado no seu *White Album*.⁴ O documentário *Beatles na Índia* mostra esse período e apresenta como motivo principal da ruptura entre a banda e o guru o fato deste tentar se aproveitar da fama e influência da banda, não propriamente as questões de assédio e psicoativos, sendo que, anos mais tarde, banda e guru ultrapassaram os ressentimentos (Bose & Compton, 2021). Outro caso mais recente foram as acusações de abuso do introdutor da Kundalini Yoga na América, Yogi Bhanjan (Arbhajan Singh Kalsa – 1929-2004). No filme documentário sobre Woodstock, nas cenas iniciais, há um grupo praticando “respiração fogo” típica da Kundalini. O instrutor comenta que a respiração é mais eficiente que qualquer droga, sendo suficiente para alterar os estados de consciência. Difícil saber quais os gurus que inspiraram Crumb, mas, de qualquer forma, Crumb foi sensível na percepção sobre eles e retratou isso comicamente no personagem. Adiante estão alguns quadrinhos do Mr. Natural onde o guru está seduzindo a personagem Cheryl.

⁴ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maharishi_Mahesh_Yogi

Segundo Brown, certas críticas ao trabalho de Crumb são um equívoco pela interpretação literal de algo que é, possivelmente, uma metáfora:

Joseph Campbell, o estudioso da mitologia, queixou-se uma vez de que as pessoas não sabem o que é uma metáfora, pelo que, para essas pessoas, um mito é uma mentira. Muitos dos leitores de Robert Crumb e os seus departamentos de polícia também não sabem o que é uma metáfora. Como resultado, as histórias cómicas de sátira pesada de Crumb são tratadas como obscenidades. “Angelfood McSpade” torna-se num racismo flagrante. “Joe Blow”, uma sátira aos valores familiares e à influência dos pais, transforma-se numa história de incesto. “*Mr Natural and the Big Baby*” é uma história de molestamento de crianças, quando, na verdade, o Big Baby é uma caricatura de uma das namoradas de Crumb dos seus tempos de hippie. (Brown, 2014)

Figura 25: Mr. Natural. Ilustrações da página oficial do Crumb no Instagram (@officialcrumb)





Como último exemplo dos personagens do Crumb – o Mr. Snoid – é um tipo de demônio sexual diminuto e uma presença irritante, possivelmente representa o alter-ego do artista. Snoid vive no corpo das mulheres (às vezes no reto), Crumb admira as mulheres fortes e há muitas representações que ele faz de si mesmo montado nas costas dessas mulheres, além de fotografias suas de situações assim, o que podem corroborar essa ideia de alter-ego, além de outras características:

O personagem Snoid é, no fundo, um idiota de baixa estatura, e muitas pessoas acreditam que Snoid, com seus fetiches, desejos sexuais e desdém pelo materialismo, é pouco mais do que um alter ego para Crumb. Uma dessas pessoas é o próprio irmão de Crumb, Maxon, que escreveu sobre o propósito do Snoid em *The Complete Crumb #13*: “Era como Carl Barks e seu personagem Scrooge McDuck: Robert e o Snoid. Com Barks era o dinheiro, com Robert era o sexo”. [...] A Snoid Comics é um daquelas publicações *underground* pós-idade de ouro que mostram por que ainda era importante ter *underground*. Ela apresenta quadrinhos muito adultos de uma forma inteligente e perspicaz, fiel à sua época, mas de alguma forma ainda praticamente atemporal. Apesar de nunca ter sido um best-seller, a Snoid Comics teve um desempenho constante que construiu um fã clube, com quatro publicações ao longo de duas décadas. (Comixjoint, s.d.)

Figura 26: Robert Crumb. Mr. Snoid em seu “lar”.



Figura 27: Robert Crumb. Snoid Comics #1 (1980). (Comixjoint, s.d.)

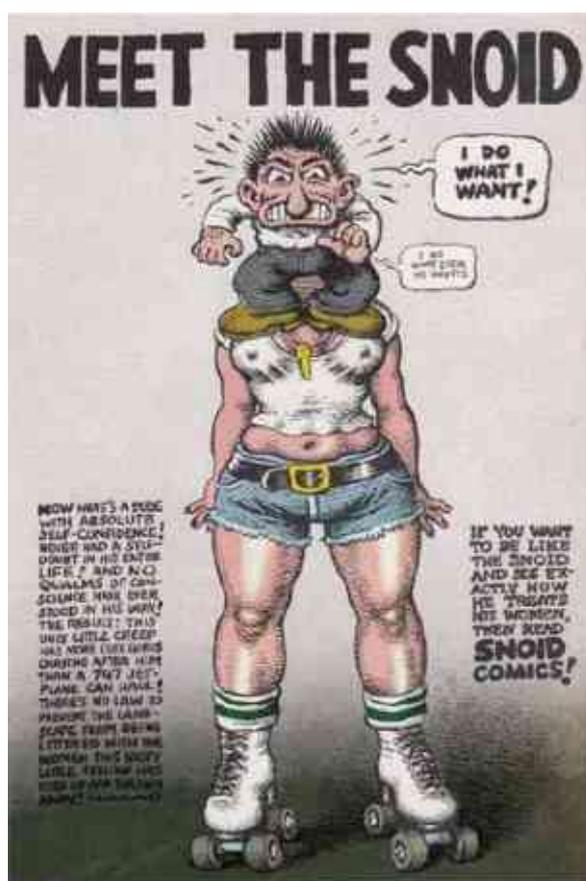


Figura 28: Cartunistas da Zap Comix. Da esquerda para direita Clay Wilson, Victor Moscoso, Rick Griffin e Robert Crumb em 1968. (The Paris Review, 2015)



Seguem adiante exemplos de trabalhos dos outros integrantes colegas de Crumb na ZAP Comix. Na ilustração final, figura 33, Robert Williams que se destacou como pintor, sendo seu estilo batizado como *LowBrow*, um tipo de surrealismo pop.

Figura 29: Clay Wilson. “Babbs Crabb and her Friend Bernice Meet the Male Chauvinist Peg!” (Barbarian Women #2, 1977). (Comixjoint, s.d.)



Figura 30: Rick Griffin, *Pacific Vibrations* (1969). (Rick Griffin Designs, s.d.)



Figura 31: Capa da Zap Comix #4 por Victor Moscoso. (Comixjoint, s.d.)

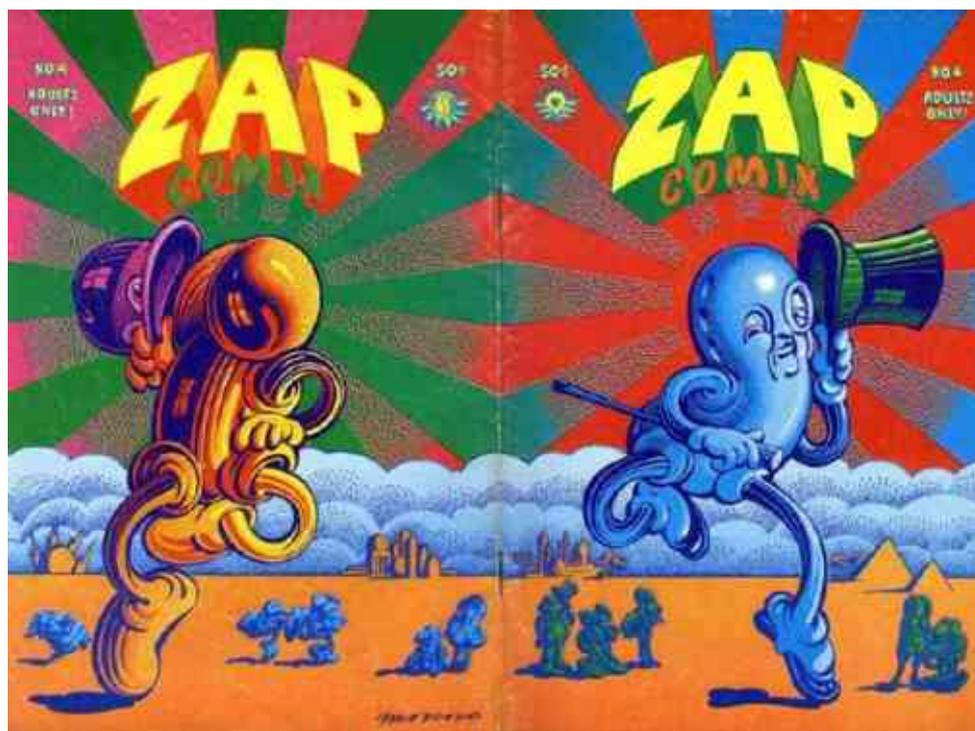


Figura 32: Victor Moscoso. Fonte: Foto do autor na exposição na NYPL de 2018.

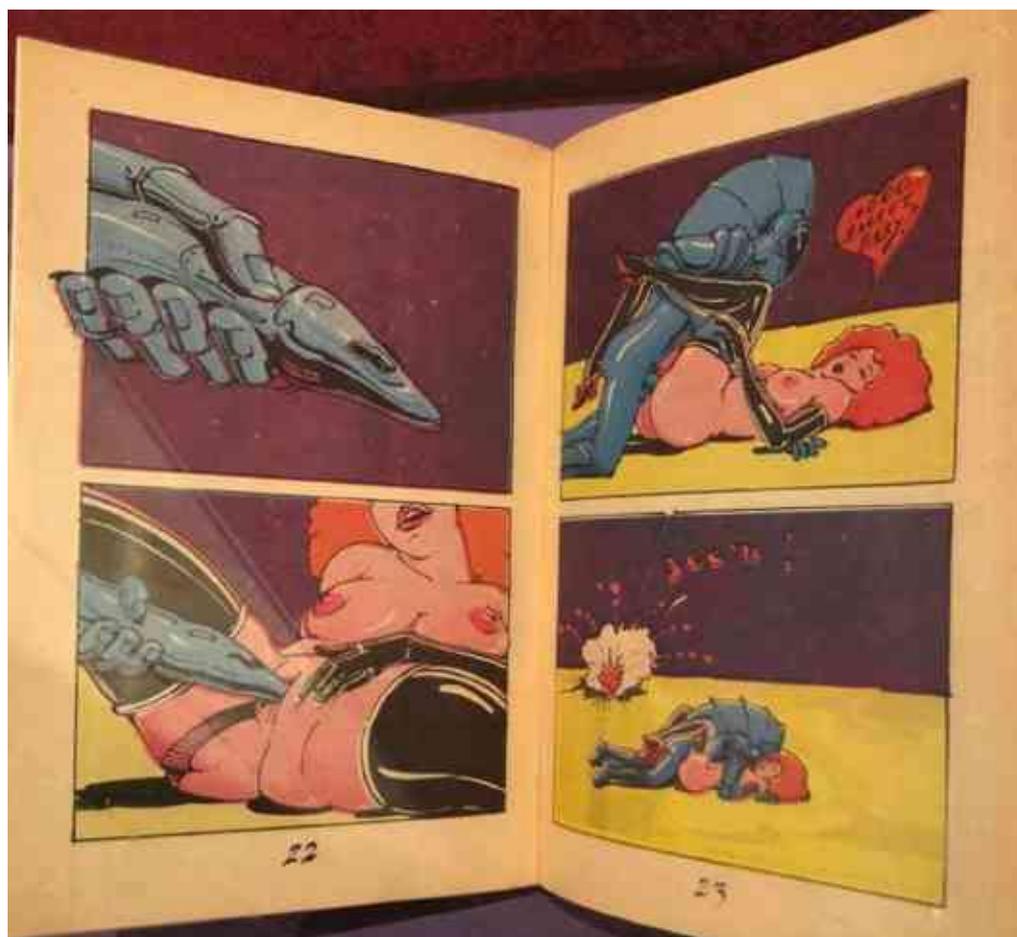


Figura 33: Robert Williams – ZAP Comix #11 (1985). (Comixjoint, s.d.)



Figura 34: Robert Williams. *The Anti-Madonna's Affirmation of the Status Quo*, 1985. (Platt, 2019)



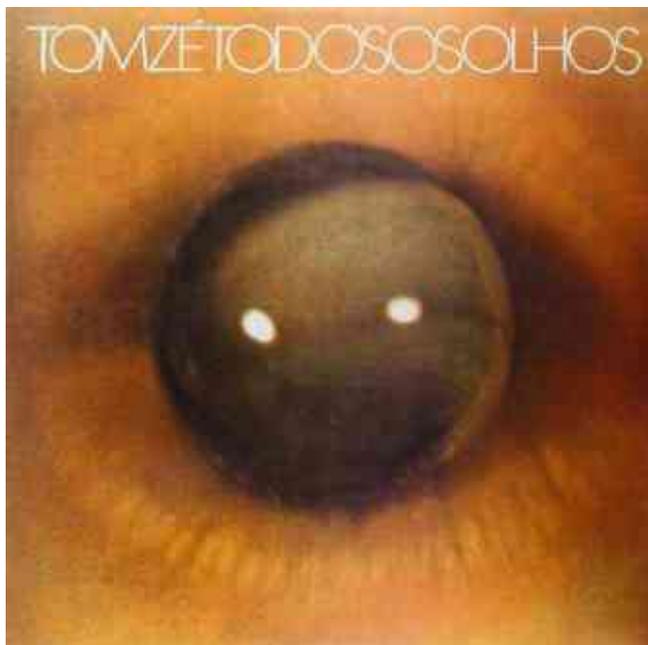
Carlos Zéfiro, Cláudio Seto e publicações no Brasil

Enquanto nos Estados Unidos da América acontecia a revolução da Contracultura, no Brasil acontecia outro tipo de revolução, a ditadura militar que durou de 1964 a 1985. A censura controlava todas as formas de expressão artística fosse na literatura, poesia, nas ilustrações e pinturas ou nas letras das músicas. Porém, com criatividade, muito material escapou da malha fina e acabou por circular. Algumas ideias inteligentes turvaram a visão dos censores e acabaram sendo publicadas. Como, por exemplo, a polêmica e cômica capa do álbum *Todos os Olhos* criada por Décio Pignatari, amigo do cantor e compositor Tom Zé, e seu sócio Reinaldo Morales. Trata-se da fotografia de uma esfera de vidro sobre um ânus:

Em entrevista ao jornal G1, Reinaldo declara:

A ideia da capa era afrontar a censura da Ditadura Militar. E quem colocou o plano em movimento foram Décio Pignatari, amigo de Tom Zé, e seu sócio Reinaldo Morales. “Movido por essa molecagem da idade, daquele momento, eu falei: ‘vou atrás, tanto das bolinhas de gude quanto do lugar onde colocá-las’. Aí uma amiga minha, muito amiga, sugeri para ela. E ela no mesmo instinto de molecagem, de farra mesmo, topou”, afirmou Reinaldo em entrevista ao G1. (Pereira, 2020)

Figura 35: Capa do álbum *Todos os Olhos* de Tom Zé. 1971. (Pereira, 2020)



No Brasil havia censura generalizada, a pornografia leve era permitida, lembro que revistas masculinas com nudez discreta eram vendidas normalmente. Porém havia o underground circulando com as revistinhas

pornográficas contrabandeadas da Europa como da Dinamarca e Suécia, países que aboliram esse tipo de publicação da censura. Nas produções brasileiras, o material pornográfico mais famoso, foram as revistinhas de Carlos Zéfiro, apelidadas de *catecismos* e que eram vendidas ilegalmente escondidas nas bancas de revistas. Tentativas ousadas de driblar a censura também partiram de editoras como a Edrel e a Grafipar:

É neste momento que começam discussões sobre os problemas causados pelas pequenas revistinhas de Carlos Zéfiro (década de 50 a 80), os catecismos, assim como os quadrinhos (HQs), e as revistas erótico-pornográficas. Além delas, revistas específicas voltadas ao público masculino, como: a revista *Fairplay* (1966), *Ele Ela* (1969), *Status* (1974), *Lui* (1974), até o aparecimento da revista *Homem* (1975), futura revista *Playboy* (1978). Nesse perreio apareceram algumas editoras como a Edrel (1966-1975), em São Paulo-SP, e a Grafipar (1977-1984), em Curitiba-PR, que reuniram diversos artistas, desenhistas e roteiristas que misturaram às revistas em quadrinhos (HQs) altas doses de terror, erotismo e ficção científica, o que solidifica no Brasil a discussão sobre o sexo. (Ribeiro, 2014, p. 2)

Figura 36: Capas dos “catecismos” de conteúdo explícito de Zéfiro. (Taitelbaum, 2012)



Carlos Zéfiro, cujo verdadeiro nome era Alcides Aguiar Caminha (1921-1992) ilustrou de 1950 a 1980, histórias em quadrinhos de cunho erótico que ficaram conhecidas por “catecismos”. Eram extremamente populares, conhecidos por adultos e jovens no Brasil, estima-se que ele tenha produzido cerca de 500 trabalhos que eram vendidos dissimuladamente em bancas de jornais devido ao seu conteúdo pornô-erótico, chegaram a tiragens de aproximadamente 30.000 exemplares. Depois de muitos anos incógnito sua identidade veio à tona em 1991, um ano antes de sua morte, quando outro artista quis assumir a autoria de seus desenhos. O editor

de Alcides, Hélio Brandão, confirmou a autoria.⁵ Era praticamente a única fonte de pornografia disponível dessa forma na época e teve muitos fãs e imitadores.

Cláudio Seto, nome verdadeiro Chuji Seto Takeguma (1944-2008), descendente de japoneses, um dos mais renomados desenhistas de quadrinhos no Brasil), se dedicou também a poesia, fotografia e aos bonsais. Seto introduziu o estilo mangá nos quadrinhos brasileiros em 1967, quando passou a trabalhar na Editora Edrel, com as publicações *O Samurai*, *Ninja - o Samurai Mágico* e *Flavo* (baseado em *Astro Boy* de Osamu Tezuka) que tinham seu texto e desenhos. Em 1975, depois do fim da Edrel devido a censura ditatorial, Seto retornou a sua cidade natal, onde foi eleito vereador por duas gestões. Seu último livro foi *Lendas trazidas pelos imigrantes do Japão*, publicado pela Devir Livraria.⁶

Maria Erótica foi uma personagem de quadrinhos criada durante a Ditadura Militar para a editora Edrel em 1969. A Censura tentou prender Seto por suas histórias, mas ele não estava presente na editora e algumas edições da revista acabaram sendo apreendidas em seu lugar. Seto fugiu para São Paulo e voltou mais tarde para Curitiba, onde voltou a publicar as histórias pela Editora Grafipar em 1979. Seto morre em 2008 vítima de um AVC.

Figura 37: Cláudio Seto. Capas da Revista Maria Erótica. 1980. (Guia dos Quadrinhos, s.d.).



Figura 38: Capas de revistas da Editora Grafipar. (Guia dos Quadrinhos, s.d.)

⁵ Informações presentes no link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Zéfiro#cite_ref-4

⁶ Informações retiradas do link https://pt.wikipedia.org/wiki/Cláudio_Seto



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe de forma muito resumida a saga de alguns quadrinistas durante a contracultura relacionada às representações eróticas. Artistas que foram perseguidos, que tiveram problemas com a polícia e tiveram seus trabalhos destruídos, hoje são disputados por colecionadores por altíssimos preços. A censura pode se tornar ainda mais rígida quando organizações religiosas conservadoras estão no poder e, associados à política e às leis, podem prender e mesmo punir fisicamente os “infratores”. A ousadia e coragem de provocar o estabelecido, acabou por dar notoriedade e fama para alguns desses artistas que podem acabar vencendo os preconceitos, encontrando cumplicidade com seu público, exigindo uma capacidade de reflexão maior do que apenas cair na proibição que representa muito pouco da nossa possibilidade infinita de criatividade.

BIBLIOGRAFIA

Artnet. (s.d.). *Artnet*. Fonte: <https://www.artnet.com/>

Bose, A., & Compton, P. (Diretores). (2021). *Beatles na Índia* [Filme Cinematográfico].

Brown, S. W. (16 de 10 de 2014). *Case Study 3: An analysis of Crumbs work*. Fonte: The Electric Gorilla: <http://stuartwallacebrown.blogspot.com/2014/10/the-robert-crumb-handbook-look-at.html>

- Comixjoint. (s.d.). Fonte: Underground Comix Collection: <https://www.comixjoint.com/zapcomix.html>
- Crumb, R. (2015). *Viva a Revolução*. São Paulo: Editora Veneta.
- D. King Gallery. (s.d.). Fonte: D. King Gallery: <https://www.dking-gallery.com>
- Guia dos Quadrinhos. (s.d.). *Grafipar*. Fonte: Guia dos Quadrinhos: <http://www.guiadosquadrinhos.com/>
- Pereira, J. (08 de maio de 2020). "*Todos os Olhos*": a polêmica capa do álbum de Tom Zé. Fonte: Aventuras na História: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-todos-os-olhos-polemica-capa-album-de-tom-ze.phtml>
- Plant, M., & Singer, P. (04 de 05 de 2021). *Why drugs should be not only decriminalised, but fully legalised*. Fonte: The New Statesman: <https://www.newstatesman.com/ideas/2022/08/drugs-should-be-decriminalised-legalised>
- Platt, C. (09 de 12 de 2019). *Serious as a snake bite: a meeting with Robert Williams*. Fonte: The Comics Journal: <https://www.tcj.com/serious-as-a-snake-bite-a-meeting-with-robert-williams/>
- Ribeiro, A. F. (10 de novembro de 2014). Revistas Eróticas e Pornográficas na Ditadura Militar: a afirmação das identidades do homem moderno. *História Cultural: escritas, circulação, leituras e recepções - USP*, p. 1 a 11.
- Rick Griffin Designs. (s.d.). *Buy Art - Pacific Vibrations*. Fonte: Rick Griffin Designs: <https://www.rickgriffindesigns.com/shop-fine-art/pacific-vibrations-fine-art-print>
- Taitelbaum, P. (22 de 1 de 2012). *Alcides Aguiar Caminha*. Fonte: L&PM Editores: <https://www.lpm-blog.com.br/?tag=alcides-aguiar-caminha>
- The Music Aficionado. (s.d.). Fonte: The Music Aficionado: <https://musicaficionado.blog/>
- The Paris Review. (2015). *Only the Dreamer: An Interview with Victor Moscoso*. Fonte: <https://www.theparisreview.org/blog/wp-content/uploads/2015/03/crumb-zap-2-artists-photo-1968-by-unknown-1024x663.jpg>
- Vera Institute of Justice. (s.d.). *Vera*. Fonte: Drug War Confessional: <https://www.vera.org/reimagining-prison-webumentary/the-past-is-never-dead/drug-war-confessional>



MIKOSZ, José Eliézer. Arte e Erotismo na Contracultura Psicodélica dos Anos 1960/70 pelo viés dos Quadrinhos. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24026, p. 01-25.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 06/2024